

**Subvertendo a sexualidade feminina:
corpo, sexo e desejo no zine Garota Siririca**

*Subverting female sexuality:
body, sex and desire in the zine Siririca Girl*

Jéssica Zappas OCAÑA¹
Tainan Pauli TOMAZETTI²

Resumo

Este artigo analisa como são construídos os sentidos sobre corpo, sexualidade e desejo no zine feminista *Garota Siririca*. Parte-se dos estudos de gênero para definir como se configuram as noções de sexualidade, corpo e desejo, sobretudo, no que diz respeito à mulher. No tocante da contextualização política do objeto de estudo, discute-se a imprensa feminista e o conceito de mídia alternativa como motivadores de debates e reflexões que não estão nas pautas da mídia tradicional. A partir das análises, observou-se que o zine se propõe a desconstruir os estereótipos de gênero, na medida em que aborda de maneira explícita situações e comportamentos das mulheres que não são encontrados, ou que, inclusive, são renegados pela cultura heteronormativa incorporada pelas mídias tradicionais.

Palavras-chave: Mídia alternativa. Feminismo. Sexualidade. Corpo. Desejo.

Abstract

This article exams how body, sexuality and desire are built in the feminist zine *Garota Siririca*. With gender studies we determine how the notions of sexuality, body and desire are produce along history, especially with regard to women. Regarding the political contextualization of the object of study, the feminist press and the concept of alternative media are discussed as motivators of debates and reflections that are not in the traditional media. From the analyzes, it was observed that zine aims to deconstruct gender stereotypes, insofar as it explicitly addresses situations and behaviors of women who are not found or who are even denied by the heteronormative culture according to the traditional media

Keywords: Alternative media. Feminism. Sexuality. Body. Desire.

¹ Graduada em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

E-mail: jzocana@gmail.com

² Doutorando em Comunicação e Informação, na linha de pesquisa Cultura e Significação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: tainanpauli@gmail.com

Introdução

O presente artigo toma forma e impulso ao propor uma reflexão sobre como se configuram os sentidos que subvertem as ideias heteronormativas de corpo, desejo e sexualidade das mulheres, em especial, refletidos no zine feminista *Garota Siririca*. Para alcançar tal objetivo, o objeto empírico será tensionado e refletido através de uma construção metodológica que aciona, primeiramente, uma reflexão teórico-contextual junto aos estudos de gênero, corpo e sexualidade, assim como, aos processos de produção e circulação de mídias alterativas feministas, como o fanzine.

Os fanzines ou zines³ surgiram por volta de 1930, nos Estados Unidos e eram produzidos, principalmente, por fãs de histórias de ficção científica, mas foi a partir da década de 1970 – graças ao surgimento das máquinas mimeógrafas e fotocopiadoras e ao movimento *punk* – que essas publicações se popularizaram no mundo. Como os produtores não tinham espaço para publicar através do mercado editorial, eles faziam e distribuíaam suas próprias publicações. No início, os zines eram feitos de modo artesanal – manualmente, com recortes e colagens – e distribuídos em shows de *punk*, de mão em mão e até mesmo via correio. Por seu modo de distribuição e conteúdo, os fanzines estão inseridos no que podemos chamar de cultura *underground*, como produções feitas fora de um circuito comercial que exploram temáticas diferentes daquelas vistas em meios de comunicação tradicionais, tanto pela sua concepção – artesanal -, como também, pelo discurso e questões que pautam. Esse tipo de mídia – “em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” (DOWNING, 2002, p.21).

Uma dessas temáticas contra hegemônicas diz respeito a sexualidade e liberdade das mulheres. Desde o surgimento de movimentos sociais de mulheres, ainda no século XIX, nos Estados Unidos, já se produzia uma problematizada relação entre mulheres e os meios de comunicação. As ativistas da primeira onda do movimento feminista publicavam diversos periódicos que tratavam de reivindicações como o sufrágio universal e controle de natalidade. Esses jornais não eram muito populares entre a

³Como veremos mais adiante, fanzine é uma contração das palavras em inglês *fanatic* e *magazine* (MAGALHÃES, 1993).

maioria das pessoas e nem abarcavam um grande grupo de mulheres leitoras. Segundo Woitowicz (2008), instituições da época achavam que esses jornais não eram compatíveis com a respeitabilidade presente naquele momento histórico e, muitas delas, como os Correios e até mesmo o próprio governo americano, tentavam censurar incansavelmente essas publicações. Algumas ativistas tiveram que deixar os Estados Unidos por conta dos assuntos que publicavam. As reivindicações acerca das questões das mulheres também pautam a imprensa até os dias de hoje.

No Brasil, a imprensa feminista ganhou força a partir de 1970, principalmente através de jornais e revistas, na busca de meios para propagar ideias feministas como também realizar críticas aos padrões machistas da sociedade. Na década de 1990 as feministas brasileiras encontraram no zine outra forma de divulgar ideias e assuntos de interesse de mulheres sob uma ótica colaborativa, bastante influenciadas pelo movimento *punk* norte-americano. Com o surgimento da internet, os zines migraram para a rede, chamando-se agora de *e-zines* ou *webzines*. A internet revolucionou a distribuição das publicações, que passaram a ser enviadas por e-mail, disquetes e outras plataformas. Atualmente, encontram-se trabalhos nas redes sociais e blogs/sites, além de feiras e eventos especializados no tema.

Downing (2002) insere o fanzine – ou zine⁴ – no interior da produção de mídias alternativas. Para ele, a abordagem realizada pela mídia alternativa – que inclui diversas formas de expressão como as tecnologias de rádio, vídeo, imprensa, internet, teatro de rua e dança – favorece a expansão, no âmbito das informações, dos ideais e reflexões que o discurso da mídia convencional impõe, com seus limites dominantes geralmente estreitos. Nas mídias alternativas, a informação midiática é mais acessível e democrática e o consumidor mais ativo. Diante disso, o zine insere-se na sociedade como uma produção contra hegemônica que se apropria dos meios de comunicação para questionar e criar perspectivas diferentes das estruturas de poder vigentes, além de democratizar as informações e a circulação entre produtores e consumidores.

Como mencionado, as publicações de zines feministas focam em aspectos da experiência das mulheres que não encontram aporte nas mídias *mainstream*. Por

⁴Nos Estados Unidos e na Europa se evita o uso de “fan” em publicações que não possuam o objetivo de ser uma publicação de fã, optando por não intitular as publicações autorais com o termo “fanzine”. Neste trabalho, opta-se pelo uso das palavras “fanzine” e “zine” como sinônimas.

fomentarem conteúdos que prezam a libertação e o empoderamento das múltiplas condutas femininas, os zines proporcionam também a criação de comunidades nas quais torna-se possível dividir experiências comuns. Assim, a produção dessas mídias alternativas no entorno de ideais feministas aciona a construção de redes de pertencimento e solidariedade que, em maior ou menor medida, contribuem para a disseminação e alastramento de canais de discussão de importantes temas como agressão, abuso sexual, sexualidade, corpo, desejo entre tantas outras esferas, particulares ou universais, relacionadas diretamente às experiências de *ser* mulher(es).

Gênero, corpo e sexualidade: marcadores analíticos para pensar as mídias alternativas de produção feminista

Antes de adentrarmos nas formulações a respeito de sexualidade, corpo e desejo nos zines feministas, pilares da análise do objeto deste artigo, torna-se necessário refletir a produção social das relações de gênero no seio das culturas ocidentais. O conceito de gênero foi formulado em um momento específico da história do movimento feminista entre as décadas de 1970-80 no qual se questionavam as universalidades que sustentavam as assimetrias de poder entre homens e mulheres. Nesse sentido, sua produção ambicionava desmistificar a ideia de que as hierarquias sobre as diferenças sexuais eram dados naturais, para percebê-las como produtos de relações socioculturais e históricas em constante transformação (TOMAZETTI, 2017).

Dentre distintos debates e autoras que formulam esse pensamento, destacamos as contribuições de Joan Scott (1995) e Judith Butler (2013), teóricas que consideram haver uma construção de significados culturais por detrás das diferenças naturalizadas entre os corpos sexuados. Até a década de 1980, sexo e gênero eram entendidos como dois conceitos separados, sendo o primeiro para a natureza e o segundo para a cultura. Nesse debate entre natureza e cultura, Scott (1995), trouxe novas indagações para os estudos feministas entendendo o gênero como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo o termo uma forma primeira de significar as relações de poder. Assim, a análise dos gêneros não pode ser

feita individualmente, “mas também no mercado de trabalho, na educação, no sistema político” (SCOTT, 1995, p.22).

Scott (1995) sustenta, ainda, que é necessário desconstruir o caráter fixo e permanente da oposição binária – “Homem” *versus* “Mulher” – da diferença sexual. Essa dicotomia relaciona os dois elementos dentro de uma lógica de dominação-submissão e marca a superioridade do primeiro elemento. A desconstrução demonstra a pluralidade dos gêneros, no sentido que homens e mulheres, enquanto gênero, independente do sexo biológico, não correspondem linearmente a ordem compulsória dos sistemas biológico, de gênero, do desejo e da prática sexual.

Para Butler (2013), o gênero é *não-natural*, justamente por não corresponder exatamente com essa lógica. Deste modo, “o gênero demonstra ser performativo – quer dizer, constituinte da identidade que pretende ser, ou que simula ser (...) é sempre um fazer, embora não um fazer por um sujeito que se possa dizer que preexista ao feito” (BUTLER, 2013, p.25). As identidades de gênero são constituídas, assim, pela linguagem e pelo discurso, de modo que não existe identidade de gênero que preexista a linguagem. Assim, “não existe um ‘eu’ fora da linguagem, uma vez que a identidade é uma prática significativa, e os sujeitos culturalmente inteligíveis são efeitos e não causas dos discursos que ocultam a sua atividade” (BUTLER, 2013, p.145).

Assim, em um importante sentido, não se pode traçar o gênero como algo definitivo, pode-se dizer, no entanto, que tanto o gênero quanto o sexo são inteiramente culturais, já que o gênero é uma maneira de existir no corpo e o corpo é a situação social, ou seja, o campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas. Para Butler, ambos – sexo e gênero –, estão colocados em nossas sociedades como efeitos recíprocos do status corporal dos sujeitos. Enquanto conceito político “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado; tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos” (BUTLER, 2013, p.27).

A reflexão de Butler encaminha-se para o que denomina de subversão do status de gênero como forma de desencaixe da ordem compulsória – heterossexualizante –, que obriga a coerência e linearidade entre sexo, gênero e desejo. Sendo em suas reflexões o sexo tão culturalmente construído quanto o gênero, o papel de ambos seria

produzir, portanto, a falsa noção de aparência substancial do *ser* assegurada pelos padrões hetenormativos de regulação e fixação dos sexos como mais uma das oposições binárias do pensamento ocidental. Empreender um gênero não tem relação prescritiva com o papel sexual ou com a sexualidade dos corpos, mas sim, com o modo de situar-se em um corpo no interior de uma estrutura reguladora e classificatória que organiza as práticas, os atos e as vivências.

Como um dispositivo histórico, a sexualidade tem sido um marcador de diversas relações de poder, como a Igreja, o Estado, as intervenções da medicina, da psicologia, do trabalho social, das escolas, de diferenças de classe, étnicas e outras instâncias. Essas instâncias acarretam, entre muitos aspectos, na normalização da conduta de meninas e meninos, e na produção de um saber/poder sobre a sexualidade e os corpos, nas táticas e nas tecnologias que garantem o “governo” e o “autogoverno” dos sujeitos (LOURO, 2011). Assim, a sexualidade é entendida como um fenômeno social e histórico e está intimamente ligada a nossas crenças, valores e imaginações quanto ao nosso corpo físico.

Como aponta Foucault (1987), não só a sexualidade, mas o corpo também se tornou objeto de uma forte regulação social. Conforme exigências impostas pelos modelos vigentes ou pelo poder das normas organizadoras socioculturais, o corpo natural se desnaturaliza para garantir a inclusão dentro dessas normas. Para Foucault (1987), o corpo do homem moderno, a partir do século XVIII, começa a ser moldado e submetido pelo poder. Descobriu-se que através da disciplina e de técnicas de dominação – na escola, nos hospitais, no exército -, o corpo se torna útil e sujeitado. A disciplina, segundo ele, é uma mecânica do poder, distribui os indivíduos no espaço e o tempo passa a ser capitalizado. O corpo, na modernidade, passa a ser mais uma ferramenta na linha de produção.

Em *Manifesto Contrassexual*, Paul Beatriz Preciado (2014) traz a *contrassexualidade* como uma teoria dos corpos, quando os situa fora das oposições mulher/homem, masculino/feminino, heterossexual/homossexual. Apesar da importância que as identidades sócio-políticas exercem dentro de um contexto contestador, ainda assim, elas limitam e criam novas formas de marginalização dos sujeitos. Preciado (2014) afirma que o desejo, o orgasmo e a excitação sexual são

somente “produtos retroativos de uma certa tecnologia sexual” (PRECIADO, 2014, p.12). Essa tecnologia sexual produz a conceitualização e a percepção dos órgãos sexuais e reprodutivos. Para ele, definir a sexualidade como tecnologia é considerar que os diferentes elementos no sistema sexo/gênero, assim como suas práticas e identidades sexuais não são nada mais que “máquinas”, “instrumentos”, “aparatos” que já possuem papéis sociais pré-definidos.

Preciado (2014) busca produzir discursivamente uma sexualização da totalidade corporal como forma de resistência, a partir dos dispositivos disciplinadores da sexualidade de Foucault (1987). Ele chama essas práticas de “tecnologias da resistência” e “formas de uma contradisciplina” (PRECIADO, 2014, p.11). Esse contradiscurso seria uma forma de reconfigurar noções tradicionais do que entendemos sobre os corpos – pois, no nosso discurso, aprendemos a compreender os corpos como femininos ou masculinos, não possuindo outra possibilidade de configurá-los. Dessa forma, no contrato contrassexual, os corpos reconheceriam a si mesmos como corpos falantes, não mais como mulheres ou homens e renunciariam “não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes” (PRECIADO, 2014, p.21).

Em meio ao reconhecimento das possibilidades contra hegemônicas do que reconhecemos enquanto corpo, sexo e gênero, torna-se importante identificar o poder de alastramento e reprodução das instituições midiáticas na construção de saberes sobre as práticas que engendram a generificação e sexualização de nossos corpos. Conforme Novaes (2011), o corpo é nosso canal de comunicação e transcende a linguagem. Na nossa sociedade imagética, o corpo ultrapassa os limites do biológico e o sujeito é definido por sua aparência. Diversas regulações sociais incidem sobre os corpos, causando sofrimento e a busca por um ideal de beleza inatingível. Essas regulações acabam recaindo, sobretudo, no corpo feminino (NOVAES, 2011). As feministas no início dos anos 1970 reivindicavam a autonomia do próprio corpo, defendiam o direito ao aborto, à liberdade sexual, o agenciamento das decisões tomadas com seus corpos e abriram caminho para outros grupos minoritários, como o movimento homossexual, para garantir direitos e políticas em favor de um desejo de liberdade.

O corpo se constituiu, assim, lugar de soberania do sujeito e se tornou parte do campo político. Além de tornar o corpo objeto de consumo e lugar em que são expostos seus méritos, as mulheres começaram a privilegiá-lo na construção de sua própria identidade (NOVAES, 2011). Deste modo, ao não alcançarem os padrões impostos pela sociedade de consumo, criam o sentimento de frustração e a crescente insatisfação com seus corpos. Gerando um mal-estar constante das mulheres em relação a sua própria aparência. O corpo feminino, pensado em uma cultura falocêntrica, foi percebido e significado, ao longo da história, como insuficiente em relação ao masculino. Em meio a esses saberes disciplinadores acerca da sexualidade e do prazer dos indivíduos, sobretudo, da mulher, torna-se relevante também refletir a produção de canais alternativos que operam a desconstrução das normativas culturais, especialmente aquelas voltadas a produção de circulação de discursos de resistência e empoderamento de mulheres.

Atualmente, as *mídias alternativas* podem ser entendidas não só como meios de oposição política, mas também como a forma com a qual diferentes grupos viabilizam suas ideias e informações através dos meios de comunicação (PERUZZO, 2004). Essas produções tornam-se, assim, uma forma de expressão comunicativa de minorias sociais pela liberdade e direito a comunicação como parte da luta pela cidadania. Como indica Woitowicz (2008), as mídias alternativas possuem em si um caráter de expressão contra hegemônico, na medida em apresentam métodos diferenciados, comparados aos meios tradicionais, de produção, distribuição e consumo, adquirindo características próprias.

O feminismo sempre esteve entrelaçado com as mídias alternativas, já que desde cedo as mulheres perceberam que precisavam produzir um discurso combativo frente aos ditames hegemônicos, assumindo o papel de denunciar e mobilizar mulheres na defesa de direitos, cidadania e na criação de debates em distintos canais de comunicação como jornais, revistas, panfletos e rádios alternativas. Com o advento da internet em grande escala, em meados da década de 1990, a arena de produção e circulação de mídias alternativas ampliou o espectro de alcance das ideias feministas. Outros canais, plataformas e espaços assegurados pela internet proporcionaram o alastramento de informações, organização e criação de conteúdos que, geralmente, não encontravam respaldo nos meios de comunicação tradicionais (TOMAZETTI, 2015).

Como mencionado, as publicações de zines feministas focam em aspectos da experiência das mulheres que não encontram aporte nas mídias *mainstream*. Por fomentarem conteúdos que prezam a libertação e o empoderamento das múltiplas condutas femininas, os zines proporcionam também a criação de comunidades nas quais torna-se possível dividir experiências comuns. Assim, a produção dessas mídias alternativas no entorno de ideais feministas aciona a construção de redes de pertencimento e solidariedade que, em maior ou menor medida, contribuem para a disseminação e alastramento de canais de discussão de importantes temas como agressão, abuso sexual, sexualidade, corpo, desejo entre tantas outras esferas, particulares ou universais, relacionadas diretamente às experiências de *ser* mulher(es).

Garota Siririca: corpo, sexualidade e desejo como estratégias políticas

A partir das considerações acima refletidas, o caminho a ser seguido na análise do zine Garota Siririca terá duas frentes, objetivando encontrar os sentidos não normativos em relação ao corpo, a sexualidade e ao prazer da mulher: a análise das características da ilustração – utilizando a teoria dos elementos básicos da sintaxe visual de Dondis (2007) e a análise da linguagem presente na narrativa – seja verbal ou onomatopeica – valendo-se das teorias de análise de conteúdo apoiadas, sobretudo, em Bardin (1977). Desta forma, escolhemos o recorte de três páginas da história em quadrinhos para fazer a análise conforme a metodologia adotada.

A brasileira Gabriela Masson – ou Lovelove6⁵, como ela assina seus trabalhos – criou a personagem Garota Siririca a partir de suas próprias experiências. Ela traz em seus trabalhos assuntos relacionados às questões de opressão feminina, como aborto, sexualidade e até outros temas que não envolvem questões da mulher, mas são pautas de movimentos que lutam pela liberdade do cidadão, como o uso de drogas naturais, como a maconha. Até os seus 20 anos, Lovelove6 – hoje com 26 anos – não se masturbava e, segundo ela, suas amigas também não. Apesar de ter tido um número expressivo de relações sexuais, ela nunca tinha tido um orgasmo, o que trouxe certa frustração e sentimentos de incompetência em relação ao seu próprio corpo. A masturbação

⁵ Site pessoal de Gabriela Masson: <http://www.lovelove6.com/> e página oficial Lovelove6 no Facebook: <https://www.facebook.com/lv666/>. Acesso em 14 de abril de 2017.

feminina – siririca – ainda é um tabu na nossa sociedade e, para muitas mulheres, não é vista de forma natural, como acontece com os homens. Segundo Lovelove6, na apresentação introdutória que faz no livro da Garota Siririca, “ter prazer em se masturbar e gozar sozinha representa um dos passos mais importantes na emancipação sexual” (MASSON, 2015, p.3), na medida em que essa emancipação se dá ao não depender de outro corpo para sentir prazer ou aliviar o próprio teso. Para a autora, conhecer o próprio corpo é uma ferramenta poderosa para construir intimidade consigo mesma e ter autonomia no sexo.

O zine Garota Siririca não lembra o formato dos zines dos anos 1980 e 1990, confeccionados a mão e de forma artesanal. O quadrinho já está inserido na época dos programas gráficos de computador e da internet como forma de distribuição das produções – através de blogs/sites e páginas do *Facebook* dos artistas. Embora difira no formato – viabilizado como um livro –, ainda pode-se considerar uma mídia radical alternativa pelo conteúdo que apresenta, já que expressa uma perspectiva contrária às estruturas hegemônicas de poder, centradas, nesse contexto, nos cerceamentos de liberdades em relação ao corpo e ao comportamento das mulheres. Uma das grandes diferenças a respeito do zine analisado é em relação à forma que seu conteúdo impresso foi concebido. Em 2014, Lovelove6 lançou no Catarse, primeiro site de *crowdfunding* no Brasil, um projeto para financiar seu livro.

A história da Garota Siririca gira em torno da personagem homônima e suas amigas, Xoxola e Xena. Apesar de trazer a masturbação feminina como tema e mulheres em situações eróticas, a autora procura representar suas personagens sem objetificá-las ou hiper sexualizá-las. A narrativa possui uma história principal e diferentes *sketches* – que não afetariam a proposta do texto caso fossem retiradas dos quadrinhos – mostrando situações engraçadas da garota.

Na medida em que busca representar em suas histórias temáticas a respeito do corpo feminino e questões relacionadas a sexualidade – lesbianismo, masturbação, casais homoafetivos –, além da maconha como elemento presente, em especial, nesta história, Lovelove6 dá um valor político ao projeto da Garota Siririca, uma vez que, com a história, ela traz situações pouco exploradas na grande mídia e até mesmo

polêmicas. Para a análise do objeto, trazemos, aqui, três páginas dos quadrinhos da *Garota Siririca* que acreditamos elucidar as reflexões propostas neste artigo.

Figura 1 - Garota Siririca



Fonte: Site da Revista Samba (2013)

Figura 2 - Garota Siririca



Fonte: Site da Revista Samba (2013)

No primeiro quadrinho (Fig. 1), os desenhos feitos pela personagem são vistos com estranhamento e são repreendidos. Vemos como a sexualidade feminina aflorada deve ser suprimida, aniquilada. Segundo Foucault (2014), a partir do século XVIII, houve uma exagerada importância atribuída para a masturbação infantil, seguida por uma forte repressão. A ideia desse mecanismo era uma reorganização das relações entre o mundo dos adultos e das crianças. O objetivo, porém, não era proibir, mas constituir, através da sexualidade infantil, uma rede de poder sob a infância. Poder este que se reflete nas sociedades atuais.

O pai, nervoso e a mãe, triste e constrangida só concebem uma solução para o “problema” da filha: “talvez seja hora de catequese”. Apesar de haver muito progresso em relação à mulher e a Igreja, em muitos cultos elas ainda não são permitidas a se comportarem de certas maneiras. A própria ordem da Igreja Católica, desde seus primórdios, sempre foi paralela ao pensamento que envolve a sociedade, incluindo aqui, a hierarquização de poder em relação aos gêneros – associando sempre o feminino ao

lar, a família e a reprodução. A instituição do casamento como heterossexual é uma das grandes questões que Rich (1980) aborda como forte estrutura de poder que tradicionalmente controla as mulheres, assim como a maternidade no contexto patriarcal e a família nuclear, reforçando, assim, a heteronormatividade na nossa sociedade.

Ao conduzir a menina para a Catequese, os pais, educadores e o padre, esperam dela um comportamento diferente do qual ela estava apresentando ao desenhar as bucetas. As palavras nos balões remetem ao discurso cristão, extremamente forte e presente no Brasil e em países ocidentais, adequados a formulações ideológicas e discursivas da Igreja. Foucault (2014) formula que, sobretudo, a partir do Cristianismo, a sexualidade passou a ser vigiada e examinada com o objetivo de reprimi-la ao controle da igreja. Para o autor, vivemos em uma sociedade marcada pela elaboração de discursos e práticas produzidas para ter a aparência de verdade pré-estabelecidas. Essa produção de “discursos verdadeiros” resulta na formação de poderes específicos. Deste modo, as “verdades” criadas em relação à sexualidade tornaram-se um problema nas sociedades ocidentais, uma vez que levaram a repressão sexual. A “castidade” seria, então, uma forma de trazer para a consciência da mulher – e também do homem, nesse contexto – o entendimento do corpo como pecaminoso e condenar nossas práticas sexuais e de desejo, incluindo a masturbação.

Como podemos ver nas imagens (Fig. 1 e 2), a nudez explícita está presente seja nos desenhos infantis ou na construção da personagem já adulta. São destacados aspectos anatômicos específicos do corpo da mulher – clitóris, lábios da vagina – e de corpos no geral – como o ânus. A autora da história procura retratar também os pelos na vagina e no ânus da personagem, além de suas formas curvilíneas. Os gemidos e sons emitidos pela personagem estão presentes ao longo da narrativa, sobretudo, nas passagens em que a garota se encontra usando os acessórios sexuais e se masturbando. Os gemidos funcionam, aqui, como marcadores discursivos de expressão da sexualidade, no sentido que acionam sentidos contra normativos a respeito da liberdade da mulher em expressar seu prazer e suas vontades.

Segundo aponta Preciado (2014), ao longo da história, o corpo da mulher foi medicalizado e patologizado, onde a histeria era “tratada” com a extirpação do útero e, às vezes, com a queima e corte do clitóris. Além disso, foram criadas várias tecnologias

aplicadas aos genitais para prevenir a masturbação, como cintos de castidade, por exemplo, ferramentas utilizadas para reforçar o controle sobre os corpos. Preciado (2014) afirma que o “prazer feminino sempre foi problemático, já que não parece ter uma função precisa nem em teorias biológicas nem em doutrinas religiosas, segundo os quais o objetivo da sexualidade é a reprodução da espécie” (PRECIADO, 2014, p.92). A percepção do orgasmo das mulheres é profundamente enraizada em processos de medicalização, naturalização e controle.

Lovelove6, no zine *Garota Siririca*, procura desmitificar a ideia de que, para atingir o prazer, a mulher necessita da presença de um pênis. O prazer sexual, nesse sentido, não está diretamente ligado a penetração vaginal. Essa disjunção entre pênis-vagina- prazer causa também uma ideia de rompimento da mulher enquanto objeto do prazer masculino, na medida em que ela própria torna-se sujeita de sua sexualidade. Conforme questiona Preciado (2014), a noção de prazer sexual atrelada exclusivamente aos órgãos genitais é uma das formas de tornar “o sexo uma tecnologia do governo heterossocial, que reduz o corpo a zonas erógenas” (PRECIADO, 2014, p.14).

Dessa forma, em uma sociedade heteronormativa e binariamente organizada, os órgãos sexuais são entendidos como a totalidade do prazer e da identidade do corpo do indivíduo e suas relações são organizadas conforme a distribuição assimétrica de poder entre o masculino e o feminino. Diante disso, a sociedade heterossexual constrói instrumentos sociais para a reprodução da feminilidade e da masculinidade de forma a separar e fragmentar os corpos. Por sua vez, a sociedade contrassexual ocupa-se a desconstruir o sistema e a desnaturalizar as práticas sexuais e da ordem de gênero (PRECIADO, 2014).

Para tanto, Preciado (2014) traz a ideia do *dildo*. Na teoria do autor, a referência do *dildo* é deslocada e descontextualizada. Ele, aqui, é entendido como uma entre muitas máquinas orgânicas e não-orgânicas – como mãos, chicotes, línguas, preservativos, cintos de castidade que representam o aspecto performativo e subversiva da ordem normativa de sexo e desejo. Na história, a personagem principal utiliza-se repetidas vezes de artefatos sexuais, como *dildo*, para produzir seu prazer sexual (Fig.1). A posição da personagem com o objeto sexual produz um certo tipo de agenciamento da

ordem sexual da mulher, pois ela desloca a ideia de passividade feminina em relação ao prazer. O objeto não é a mulher, mas o artefato sexual a serviço do seu orgasmo.

Na heteronormatividade, entendemos os genitais como complementares e opostos e isso marca a reiteração entre a diferença sexual e de gênero. A invenção do *dildo*, para Preciado (2014), seria o fim do pênis como marcador da diferença sexual, na medida em que tudo pode ser um *dildo*. Ele representa a sexualidade, mas não a diferença sexual. Dessa forma, Preciado (2014) desconstrói a relação entre prazer sexual, sexualidade – e orientação – e procriação e substitui essa noção ao que ele chama de *dildotopia*. Assim, as hierarquias entre as partes do corpo ao que diz respeito ao prazer sexual são implodidas, pois, na *dildotopia*, todas as partes do corpo são consideradas iguais. Apesar de a personagem utilizar o *dildo* em detrimento do próprio prazer sexual voltado a vagina, Preciado (2014) considera a utilização de dildos, a erotização do ânus e o estabelecimento de relações contratuais sadomasoquistas (S&M) como mutações pós-humanas do sexo, práticas contras sexuais que são uma possibilidade de resistência ao sistema sexo/gênero dominante. Ao não ter o pênis como centro do prazer, a personagem Garota Siririca estaria subvertendo a ordem hegemônica de prazer sexual.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo analisar como a história do zine Garota Siririca constrói sentidos não normativos em relação a corpo, sexualidade e desejo. Para adentrar a problemática da pesquisa, debruçamo-nos nas teorias de gênero, sobretudo, em relação ao corpo, a sexualidade e ao desejo. A partir dessas formulações e com a análise de uma história presente no zine *Garota Siririca*, pudemos entender que as mídias alternativas continuam sendo um importante meio para viabilizar e dar espaço às demandas de minorias como as mulheres, não só em questões relacionadas à política e ao feminismo, mas como uma forma de elas exercerem sua criatividade e autonomia em relação ao trabalho e modos de pensar.

Assim, ao entender a importância das mídias alternativas e de seus conteúdos, trazemos nossas indagações e conclusões acerca da Siririca. A autora problematiza as características normativas sobre o feminino em nossa sociedade. As noções que ela

questiona são a do corpo, enquanto habitante do discurso, que torna os indivíduos – no caso, a mulher – “obrigados” a corresponderem a certas normas e comportamentos para serem validados no discurso heteronormativo; a sexualidade, problematizada em situações nas quais a masturbação é oprimida e proibida, e que, em relação aos desejos masculinos não é legitimada. Outro aspecto abordado nos quadrinhos é o do desejo, como propõe Preciado (2014), a qual contesta a noção de desejo sexual e a definição da identidade total dos sujeitos relacionada apenas aos órgãos genitais. A ideia do *dildo* encontrou uma exemplificação importante nos desenhos e narrativa do zine.

Para além dos questionamentos a respeito da heteronormatividade, a questão da masturbação também desconstrói as relações em si, até mesmo as homossexuais. O deslocamento da posição normativa de como deve ser uma relação sexual, para a menina e seu autoconhecimento em relação ao corpo e a buceta são os pontos altos da história. O “voltar-se para si” tem um sentido subversivo e questionador, não só para as questões de sexualidade, mas para propor a autorreflexão sobre os nossos desejos, passos para um horizonte de amadurecimento da relação que estabelecemos com nossos corpos. Portanto, o fato de questionar as relações afetivas torna-se contra normativo, ao destacar a possibilidade de empoderamento do indivíduo, neste caso, a discursividade da mulher, enquanto lugar de autoconhecimento e subversão social.

A ideia em trazer a buceta como elemento central deste artigo convoca o leitor a indagar-se e partir para a desconstrução cultural de que ela (a buceta) – oprimida pelos ideais patriarcalistas e heteronormativos da sociedade – não possa se libertar de suas culpas e estranhezas, para estar presente e livre de suas limitações, tanto neste contexto acadêmico quanto no contexto da sexualidade e do corpo daquelas e daqueles que possuem bucetas.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero** - feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____. **Bodies that matter:** on the discursive limits of "sex". New York: Routledge, 1993.

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007
- DOWNING, John D. H. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Editora SENAC, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**. V. 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- _____. **Vigiar e punir**. O nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes. 1987.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine?** São Paulo: Brasiliense, 1993.
- NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp, p.477-506, 2011.
- PERUZZO, Cicília M. Krohling. **Comunicação nos movimentos populares** – a participação na construção da cidadania. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo, 2014.
- RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. **Signs**, v. 5, n. 4, p. 631-60, 1980.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista educação & realidade**, v.20, n.2, jul./dez. 1995.
- TOMAZETTI, Tainan Pauli. O feminismo na era digital e a (re) configuração de um contexto comunicativo para políticas de gênero. **Razón y palabra**, n. 90, p. 39, 2015.
- _____. MARCONI, Dieson. Del cultural al queer: la contribución de los estudios culturales para pensar las relaciones de género en los estudios en comunicación. **Razón y palabra**, v. 21, n. 2_97, p. 566-584, 2017.
- WOITOWICZ, Karina Janz. Imprensa feminista no contexto das lutas das mulheres: Ativismo midiático, cidadania e novas formas de resistência. **Revista ação midiática**, Curitiba, v. 2, n. 1, p.1-18, 2012.